

ROTEIRO DA CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

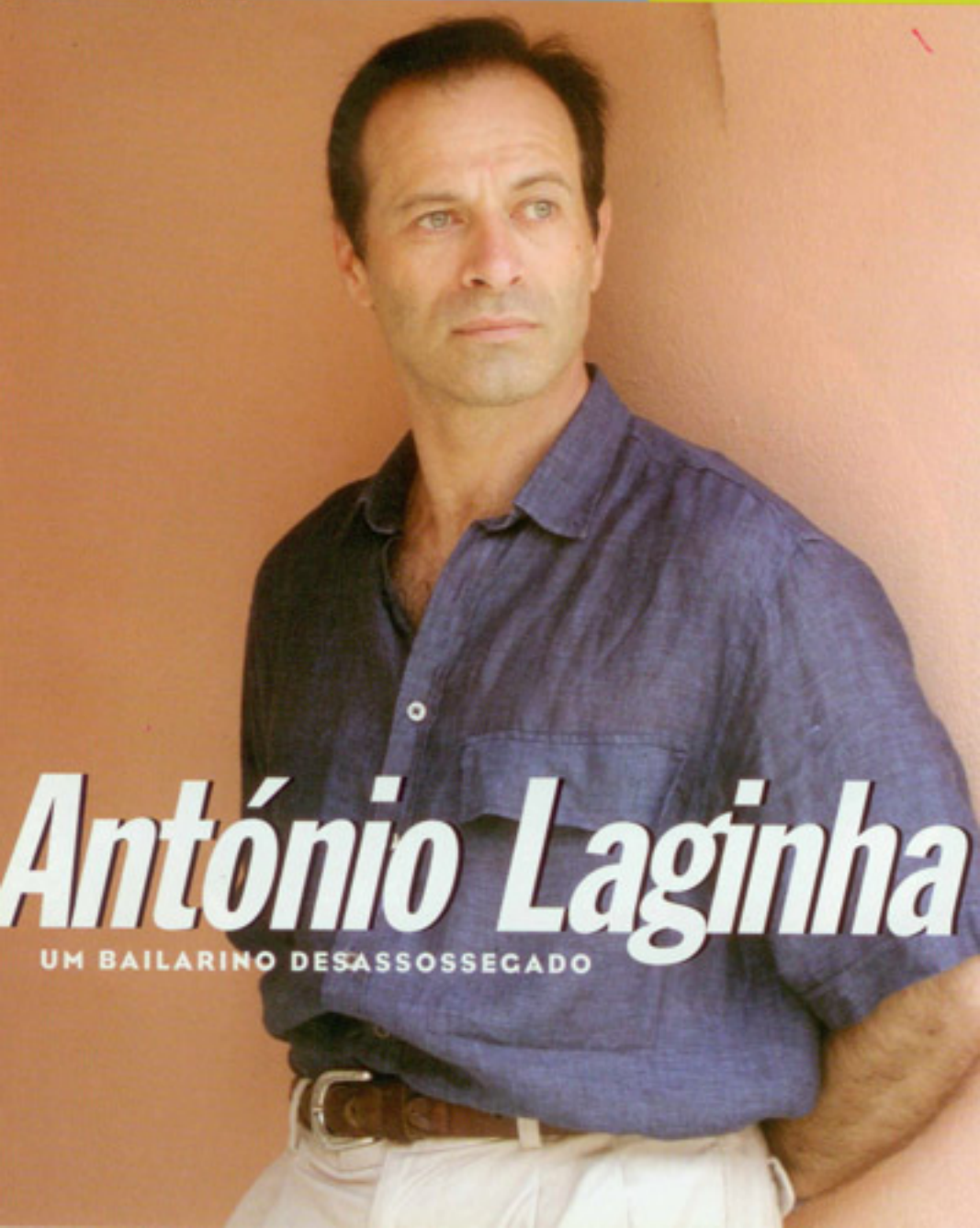
30 DIAS

AGOSTO 2001



À Descoberta da Pólvora
Músicas do Mundo
na Fábrica da Pólvora

Alice Vieira
20 anos a encantar
Paço de Arcos
em Festa



António Laginha

UM BAILARINO DESASSOSSEGADO



ENTREVISTA GUIOMAR BELO MARQUES
FOTOGRAFIA RITA CARVALHO

Nasceu no dia cinco, do mês cinco, do ano cinquenta e cinco. Para paz da mãe, o parto ocorreu às seis horas e cinco minutos, e não uma hora antes. Indiferente às cabalísticas que tantos cincos poderão ter provocado na sua vida (apesar de este algarismo surtir o seu efeito, segundo confessa), tem-se obstinado em viver de modo harmonioso e inovador. Um verdadeiro poço de energia, apesar de se ter licenciado em arquitectura. O bailado tem preenchido a sua vida. A dança é o seu pulsar.

Quando veio para Lisboa foi para estudar arquitectura. Como conciliou esse curso com o bailado?

Quando entrei para Belas Artes comecei a estudar dança no Conservatório Nacional e a fazer o curso da Gulbenkian. De manhã frequentava as aulas de arquitectura; à tarde, o Conservatório, e à noite, o curso da Gulbenkian. Aos fins-de-semana estudava e fazia os trabalhos. Houve ocasiões em que cheguei a casa verdadeiramente exausto, sem conseguir sequer mexer-me para jantar...

Acabou todos os cursos?

No Conservatório só fiz dois anos, porque entretanto fui contratado pela companhia da Gulbenkian, mas concluí a licenciatura em arquitectura. Foi uma sorte, porque estávamos em 1974 e na altura não havia mais nada. Muitos

ANTÓNIO LAGINHA

UM BAILARINO DESASSOSSEGADO

estudantes de bailado não conseguiram, depois, arranjar trabalho, por este, simplesmente, não existir.

Nunca exerceu, portanto, arquitectura?

Ainda exerci durante dois anos, depois de ter concluído o curso, em 1978.

Porquê?

Porque o trabalho se tornou incompatível e decidi optar pela dança.

Qual foi a razão dessa escolha?

Era um mundo que surgiu aos meus olhos como mais fascinante e pelo qual tinha mais curiosidade do que pela arquitectura, embora me considerasse um arquitecto com muito potencial. Outra razão, completamente ingénua mas que pesou muito erradamente na minha decisão, foi a de ter pensado que quando terminasse a minha carreira de bailarino teria sempre a oportunidade de pôr em prática o que aprendera na escola. Só que hoje já não se desenha como naquela altura, e as técnicas são outras. Mas não me arrependo.

Quando decidiu que queria ser bailarino?

Foi uma casualidade de duas coincidências. Um colega de Belas Artes convidou-me para ir com ele ver um bailado na Gulbenkian e fiquei completamente fascinado com o que vi. Na mesma altura, a avó de uma amiga de

uma prima minha, que conhecia a professora Margarida de Abreu, facilitou-me a possibilidade de a procurar para lhe pedir aulas de dança.

Nunca tinha assistido a um espectáculo de bailado?

Nunca!

Portanto, acabou por iniciar a sua carreira na companhia que despertou em si a paixão pelo bailado...

Durante vários anos só trabalhei na Gulbenkian. Foi um período muito excitante porque havia claramente uma geração de bailarinos portugueses a despontar. Foi uma geração que teve uma certa consistência.

Quem foram as suas referências na altura?

Carlos Trincheiras e Águeda Sena, sem dúvida alguma. Eram duas pessoas muito criativas pelas quais sempre tive grande admiração.

Quanto tempo ficou na Gulbenkian?

Cerca de seis anos. Aprendi muito. Foram anos de grande pioneirismo.

E a seguir?

A convite de um ex-colega, Armando Jorge, e com a ideia de fazer um pouco de repertório clássico, que conhecia mas nunca tinha posto em prática, fui para a então recém-criada Companhia Nacional de Bailado. Encontrei algumas dificuldades de organização e até de

repertório, o que me deixou algo desiludido, ao fim de alguns anos. Por essa razão, decidi ir fazer audições em quatro companhias na Europa. Fui aceite em três, mas depois achei que mudar de uma companhia como a CNB para uma parecida não seria a melhor conquista da minha vida, e decidi voltar a estudar.

Por que razão?

Por ter considerado que era um bailarino clássico competente, mas que o meu trabalho na área da dança contemporânea não estava muito bem estruturado. Consegui uma bolsa da Secretaria de Estado da Cultura para ir estudar numa das escolas mais prestigiadas em todo o mundo, a Julliard School, onde estive dois anos e de onde saí com um bacharelato.

Como foi o regresso?

Voltei para a CNB, onde nunca deixara de trabalhar, e tive mais reacções de inveja do que de apoio.

Mesmo assim ficou?

Fiquei um ano, durante o qual ganhei um prémio no I Concurso Coreográfico, de nível nacional, e, por razões que nunca me foram explicadas, a minha coreografia, que foi a mais aplaudida pelo público e pela crítica, nunca entrou no repertório. Então pareceu-me que o melhor era fazer as malas outra vez!

E para onde foi?

Fui tirar o mestrado em dança, durante dois anos e meio, na Universidade de Nova Iorque. Foi nessa altura que vi muita dança e voltei com uma enorme aprendizagem.

É muito importante, para um bailarino, ver muito bailado?

Importantíssimo.

Para corrigir?

Só vendo dança se aprende e se conhece a diferenciação de escolas e de estilos. É uma coisa que não se aprende nos livros. Toda a parte artística e interpretativa se aprende apenas vendo. Por isso é que os professores que nunca dançaram não conseguem transmitir

Em Portugal, as pessoas ficam sempre muito angustiadas quando têm de fazer uma coisa diferente daquela que fizeram toda a sua vida, porque não sabem fazer mais nada. Não é o meu caso.

um certo tipo de noções e de sensações que só quem passou pela experiência física e global de estar em palco conhece. São coisas que é impossível adquirir numa sala de aula.

É pior aprender mal do que não aprender sequer?

Entre as duas coisas venha o diabo e escolha. O Estado, na ausência de um projecto global e estruturado para o ensino da dança, devia organizar o ensino de modo que todas as crianças fossem pelo menos sensibilizadas para as artes. Cabe, posteriormente, aos pais escolher as escolas e os professores, de acordo com um critério simples: quem forma bailarinos profissionais e quem, no caso do ensino da dança não vocacional, consegue que do exercício se tire o maior prazer possível.

Na aprendizagem da dança há sempre mais meninas do que rapazes. Que explicação dá para o fenómeno?

Há certos aspectos da dança clássica, que é uma arte de origem europeia com cerca de 350 anos, que anatomicamente talvez sejam mais fáceis para o sexo feminino. Contudo, ela cresceu no sentido de valorizar ambos os sexos em simultâneo. Períodos houve em que se deu maior importância à figura feminina, mormente no período Romântico, em que ela se transformou numa figura etérea e intangível e em que os homens praticamente desapareceram dos palcos, porque eram as bailarinas, em travesti, que faziam os papéis masculinos. Actualmente, a dança atingiu um patamar democrático em que se

PERFIL

ANTÓNIO LAGINHA nasceu há 46 anos, em Loulé, no Algarve, onde viveu até aos 17 anos, idade em que rumou para Lisboa com o objectivo de se formar em arquitectura. A dança entrou de rompante pela sua vida quando assistiu, já na capital, ao primeiro bailado da sua vida, pela companhia da Gulbenkian, aquela que, curiosamente, viria a ser a sua primeira companhia. Sequioso de aprender e dominar todas as técnicas, licenciou-se em arquitectura, é bacharel em dança e tem o grau de mestre na mesma área, obtido na Universidade de Nova Iorque. Além de bailarino encartado, é-o também como professor, arquitecto e jornalista, actividade que desenvolve como crítico de bailado e director da *Revista da Dança*. Bailarino da CNB desde a sua fundação e durante 15 anos, ajudou a criar, com Rui Horta, a Companhia de Dança de Lisboa. É actualmente o responsável pelo Centro de Dança, a funcionar no Palácio Ribamar, em Algés, um seu sonho que finalmente se concretizou.



tornou quase unissexo. O lugar-comum da bailarina como símbolo da dança desapareceu há muito.

Mas não existe um preconceito? Não há ainda uma ideia de que os rapazes não devem ser bailarinos?

Associam-se à dança certos factores, como a delicadeza, a graça, a leveza, que são, naturalmente, apanágio do sexo feminino. No entanto, nada impede um boxeur de ser uma pessoa delicada. São lugares-comuns que estão muito aquém do factor artístico.

O seu regresso dos Estados Unidos coincidiu com a sua vontade de criar o Centro de Dança, que agora, finalmente, conseguiu levar a cabo?

Quando voltei, da segunda vez, já

tinha começado a escrever sobre dança e quis orientar a minha carreira num sentido mais teórico. Todas as ideias e projectos que tive foram muito mal aceites na CNB. Quando queria dançar, a direcção punha-me a ensinar, e quando queria ensinar obrigavam-me a dançar. Decidi deixar a CNB e resolvi desenvolver outros projectos, como ensinar na Escola Superior de Dança e começar a projectar a Casa da Dança, que está na origem deste Centro que agora existe no Palácio Ribamar.

Onde, em termos de ensino, irá partir com cursos de Verão, a decorrer já em Setembro...

Exactamente. As inscrições estão abertas para vários cursos que serão orientados por professores nacionais e estrangeiros.

Que balanço faz da sua carreira, neste momento da vida?

Sempre tive um percurso muito coerente. A transição de bailarino para jornalista, coreógrafo ou professor foi muito suave, sem sobressaltos, o que é uma coisa rara, porque as condições são muito adversas. Em Portugal, as pessoas ficam sempre muito angustiadas quando têm de fazer uma coisa diferente daquela que fizeram toda a sua vida, porque não sabem fazer mais nada. Não é o meu caso. Além de arquitecto com carteira profissional, também tenho a de professor, a de bailarino e a de jornalista.

Há algum repertório que lamente nunca ter feito?

Sou muito prático, e não vou lamentar os impossíveis. Podia ter feito certas coisas que não fiz, mas não tenho a pretensão de considerar que devia ter feito coisas que não eram para mim. Acabei por aprender a não me sentir frustrado por não poder fazer coisas que por certas razões me estavam vedadas.

Não pensa voltar a dançar?

Mas eu danço imenso... Agora, a ideia de ensaiar três meses para receber três minutos de aplausos é que é uma coisa que pertence ao passado.



PARAGENS

Embora viva em Lisboa, António Laginha tem um afecto muito próprio pelo concelho de Oeiras. O facto de ter nascido perto do mar leva-o a gostar particularmente da zona mais costeira do concelho, com realce para a Piscina Oceânica e para o espaço envolvente. Mas também regista entre as suas preferências o Palácio dos Marquês de Pombal e os respectivos jardins, o Passeio das Estátuas, em Algés e, "é claro, o Palácio Ribamar".



Universidade Atlântica

NA SENDA DE CURSOS NA ÁREA DA SAÚDE

ACELEBRAÇÃO, no final de Junho, de um convénio de cooperação entre a Universidade Atlântica e a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa irá abrir uma nova porta no desenvolvimento de cursos na área da saúde a este estabelecimento do ensino superior. Assim, esta parceria inédita estabelece a possibilidade, para já, de, a partir do próximo ano lectivo, a UA ministrar os cursos de enfermagem e fisioterapia. É a primeira vez que em Portugal é permitido a uma universidade privada a criação de licenciaturas na área da medicina, com excepção para o curso de Gestão em Saúde, que esta escola já possuía.

Entre os objectivos do convénio são de referir o desenvolvimento da colaboração nos domínios não só do ensino, mas também da investigação e da prestação de serviços à comunidade, "em áreas e campos temáticos comuns ou complementares às duas instituições, nas quais se verifique existirem vantagens no estabelecimento de relações científicas, pedagógicas, técnicas e administrativas, que permitam uma conjugação de acções veiculadas para o mesmo fim".

O acordo prevê, no âmbito da cooperação entre as duas instituições, a participação de docentes da Faculdade de Medicina de Lisboa em actividades lectivas de graduação, de pós-graduação e de investigação na área da saúde da Universidade Atlântica, bem como o inverso. Com vagas para 50 alunos cada um, os novos cursos virão a ser leccionados nas instalações de ambas as instituições, contando com o apoio pedagógico e científico da Faculdade de Medicina, devendo decorrer as aulas práticas nas instalações do Hospital de Santa Maria.

Assinado, em representação da Atlântica, por Marques Mendes, presidente da Direcção da EIA - Ensino e Investigação e Administração, S.A., por Nelson Lourenço, vogal da mesma, e por João Martins e Silva, director da Faculdade de Medicina de Lisboa, este convénio será válido até Setembro de 2004, sendo automaticamente renovado por períodos de três anos lectivos.

UNIVERSIDADE ATLÂNTICA
FÁBRICA DA PÓLVORA DE BARCARENA
TELEF.: 214398200